



Editorial

Igreja e Reforma

Como sabemos, os 500 anos da Reforma têm sua data emblemática em 31 de outubro de 2017, cinco séculos depois de Lutero ter afixado suas 95 teses à porta da capela do castelo de Wittenberg (Saxônia), cujo nome oficial, na atual República alemã, é Lutherstadt Wittenberg: a cidade de Lutero. Neste longo período histórico deram-se significativos eventos nas relações católico-luteranas, bem como nas relações da Igreja Católica com as demais Confissões oriundas da Reforma, dos presbiterianos e reformados até os congregacionais e metodistas, aplicando aqui uma compreensão mais ampla e inclusiva do adjetivo “reformado”. De tantos eventos a ocupar a pena de teólogos e historiadores, destacamos aqui a representação de luteranos e reformados nas sessões do Concílio Vaticano II (1964-1965), os contatos que deram origem à Comissão Mista Internacional Católico-Luterana (1967), os importantes Relatórios decorrentes deste diálogo teológico (*Evangelho e Igreja* 1972, *A ceia do Senhor* 1978, *Ministério pastoral na Igreja* 1981, *Martinho Lutero: testemunha de Jesus Cristo* 1983, entre outros), o aniversário dos 450 anos da Confissão de Fé de Augsburg (1980), a *Declaração conjunta sobre Justificação por Graça e Fé* em 1999 — com a adesão posterior do Conselho Metodista Mundial (2006) e da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (2017) —, a celebração ecumênica da memória dos testemunhas da fé no Coliseu (2000), as inúmeras ações no âmbito do Conselho Mundial de Igrejas e as várias consultas coordenadas pelo Fórum Cristão Mundial (a mais recente deu-se em junho de 2017, sobre missão e proselitismo), sem deixar de mencionar a representação fraterna, da parte católica, nas assembleias da Federação Luterana Mundial, instância

luterana de comunhão que acolheu o Papa Francisco, em 2016, numa celebração histórica em Lund (Suécia).

Merece destaque, neste percurso, o duplo olhar histórico-teológico que tem efetivamente irmanado luteranos e católicos, com referência aos 500 Anos da Reforma. O primeiro olhar, que podemos caracterizar como retroativo-hermenêutico, promoveu a revisão histórica e teológica dos primeiros passos da Reforma em contexto europeu, sobretudo germânico, com vários colóquios e estudos interdisciplinares, além de ecumênicos. O Relatório internacional católico-luterano *Martinho Lutero: testemunha de Jesus Cristo* (1983), por ocasião dos 500 anos de nascimento do reformador, resulta deste olhar, não prisioneiro do passado, mas intérprete da História e comprometido com o presente das Igrejas no caminho da unidade. Também o Relatório sobre a *Justificação por Graça e Fé* — publicado como documento de consenso — deve muito a este olhar que revisita o passado para fazer do tempo presente um *kairós* de reconciliação e unidade. O segundo olhar, podemos caracterizar como hermenêutico-prospectivo: de um lado, receptivo da releitura histórica e teológica dos temas centrais do diálogo católico-luterano, de outro, prospector de passos mais decididos rumo à comunhão das duas Confissões. Neste sentido, a declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação é claramente estratégica, marcando uma conversão de rota, que vai da revisão histórico-teológica (olhar retroativo-hermenêutico) ao discernimento de passos futuros, efetivos no caminho à unidade visível entre católicos e luteranos (olhar hermenêutico-prospectivo).

Longe dos determinismos ou da mera confiança nos métodos do diálogo bilateral, o caminho tem sido percorrido à base do encontro sincero, de oração, de opções tomadas em comum, de uma firme decisão pela unidade, em obediência ao Espírito Santo que não nos deixa olvidar a recomendação imperativa de Jesus: “Que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17,21). Esta convicção se traduz em itinerário, fruto maduro do percurso feito e propósito de ir adiante, passando *Do conflito à comunhão* — título inspirador do documento-guia para as celebrações dos 500 Anos da Reforma, elaborado conjuntamente em 2013 pela Federação Luterana Mundial e o Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, do

Vaticano. Na carta de apresentação, os Bispos Karl-Heinz Diez (católico) e Eero Huovinen (luterano) declaram:

Em 2017, cristãos católicos e luteranos olharão de maneira mais adequada para os eventos que ocorreram há 500 anos, se colocarem o Evangelho de Jesus Cristo no centro. O Evangelho deve ser celebrado e comunicado às pessoas de nosso tempo para que o mundo creia que Deus deu a si mesmo à humanidade e nos chama à comunhão consigo e com sua Igreja. Nisto está o motivo de nossa alegria em nossa fé comum. A essa alegria também pertence um discernimento, um olhar crítico sobre nós mesmos, não somente sobre o passado histórico, mas também sobre o nosso presente. Nós cristãos certamente não fomos sempre fiéis ao Evangelho; com demasiada frequência nos conformamos ao modo de ser e comportar do mundo à nossa volta. Demasiadas vezes obstruímos o caminho da boa notícia da graça divina. Tanto como fiéis individuais quanto como comunidade, todos sempre temos necessidade de conversão e reforma – encorajados e conduzidos pelo Espírito Santo. “Quando nosso Mestre e Senhor, Jesus Cristo, disse *arrependam-se*, ele quis que toda vida dos fiéis fosse de arrependimento”: assim se lê na afirmação inicial das 95 teses de Lutero de 1517, que desencadeou o movimento da Reforma. Ainda que essa tese pareça hoje tão óbvia, nós cristãos luteranos e católicos, queremos levá-la a sério, dirigindo primeiro nosso olhar crítico a nós mesmos e não sobre os outros. Tomamos como nossa norma orientativa a doutrina da justificação que expressa a mensagem do Evangelho, e, por isso, “visa orientar toda a doutrina e prática da Igreja incessantemente para Cristo” – como afirmamos na *Declaração conjunta sobre a Justificação por Graça e Fé* n. 18.

Creemos que este olhar para o futuro possa se alargar num movimento de partilha e inclusão, à medida que os resultados do diálogo católico-luterano se façam dom para as demais Igrejas, a começar das Comunidades herdeiras da Reforma até outras expressões que possam nutrir-se deste testemunho de reconciliação, como, eventualmente, as comunidades evangélicas e pentecostais. Afinal, “todos bebemos de um único Espírito” constituindo, pelo batismo, “um só corpo” (1Cor 12,12-13).

É neste horizonte que inserimos o presente número de *Pistis & Praxis*, com artigos reunidos no dossiê Igreja e Reforma, de diferentes abordagens. *Matthias Wirz*, historiador e teólogo da Comunidade monástica ecumênica de Bose (Itália), abre o dossiê apresentando a Reforma

como evento ecumênico e eclesial. Mais que um *affaire* luterano e católico, trata-se de um processo eclesiológico, já que a reforma não implica necessariamente a divisão, mas sim uma dinâmica de conversão e contínua volta às fontes. De fato, compreendida como um princípio crítico ao interno da Comunhão cristã, a Reforma e as reformas deverão dimensionar-se, hoje mais que nunca, pelo imperativo evangélico da unidade dos cristãos, prospectando os possíveis percursos para que a Igreja de Cristo se realize como verdadeira comunhão. Na sequência, *Fernando Rodríguez Garrapucho* (Universidad Pontificia de Salamanca) com *Marcial Maçaneiro* (PUCPR) discorrem sobre o sentido católico de comemorar, junto com os luteranos, os 500 Anos da Reforma. Afinal, não se trata de celebrar cinco séculos de divisão, mas nossa comum vocação à unidade, amadurecida por tudo quanto o Espírito Santo nos tem ensinado e feito partilhar nas últimas décadas e no percurso que decidimos trilhar juntos. Pois o mesmo Espírito conduz a Igreja como comunidade *semper purificanda* (cf. *Lumen gentium* 8/c). Além de sanar feridas históricas, a comemoração conjunta significa responder fraternalmente, daqui adiante, ao chamado de unidade e de testemunho conjunto que a nova evangelização solicita de todos os cristãos. A perspectiva luterana nos vem com *Vítor Westelle*, em sua oportuna reflexão sobre o significado de Lutero para as crises hodiernas da Igreja. O autor delinea a atual presença de Lutero no pensar e agir cristão, passando pela leitura que Marx faz do reformador, para incidir nas crises contemporâneas, onde a voz de Lutero ainda ressoa na coragem de protestar e resistir. *Ronaldo Cavalcante*, por sua vez, ensaia uma crítica histórica do longo processo de surgimento, consolidação e expressão do Protestantismo, desde 1517 até nossos dias. Conciso o quanto possível, o autor nos fornece dados relevantes para a identidade protestante e seus alcances ecumênicos. Por sua vez, *Helmut Renders* (UMESP) agrega uma perspectiva metodista ao dossiê, com seu detalhado estudo sobre a teologia da reconciliação em documentos seletos da Igreja Metodista, com viés soteriológico. As fontes citadas vão da remota patrística até autores contemporâneos, que, passando pelo pioneiro Wesley, nos fazem perceber como o metodismo se inclui no quadro maior das Igrejas da Reforma. O historiador (também versado em teologia) *Rui Luís Rodrigues*, docente da Unicamp, nos traz parte de sua pesquisa sobre a relação de Erasmo de

Roterdã com a Reforma, focando o binômio *rhetorica* (arte da linguagem e do bom argumento) e *doctrina* (elementos teológicos basilares ao centro dos debates de então). É um estudo detalhado que nos dá acesso a fontes de primeira mão, valorizando a proposta erasmiana de uma *minima dogmata* que reunisse as Igrejas ao redor de um núcleo consensual de fé cristã, já no século XVI. *Elias Wolff*, docente na PUCPR e teólogo do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs) aplica o princípio da *Ecclesia semper reformanda* ao recente pontificado de Papa Francisco, com sua ousada “reforma da Igreja em saída missionária” (*Evangelii gaudium* n. 17). Uma reforma efetiva, como explana Wolff, que vai das motivações às estruturas: organização da Igreja diocesana, papel das Conferências episcopais, ministério petri-no do Bispo de Roma e mudanças na Cúria Romana. O artigo nos ajuda a ponderar em que medida as intenções reformadoras/renovadoras de Papa Francisco têm-se concretizado, com particular atenção à sua relevância para a unidade dos cristãos. Assim, tendo contemplado no dossiê as perspectivas luterana, católica, presbiteriano-reformada e metodista, com viés teológico-histórico, *David Mesquiati de Oliveira* — da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP) — nos brinda com seu estudo sobre os pentecostais, o Espírito Santo e a Reforma. O autor observa que, na esteira da Reforma Protestante, o pentecostalismo propõe algo como um quinto elemento aos princípios reformadores: o *solus Spiritus Sanctus*, com sua ênfase pneumatológica. Mesquiati ensaia uma compreensão que parte da devoção ou mística pentecostal até pontuar a contribuição desta corrente para a reforma permanente da Igreja. Notemos que, no conjunto das contribuições, este dossiê temático nos permite um diálogo entre Teologia e História, com a peculiaridade das diferentes Igrejas e Comunidades presentes à argumentação. É com satisfação pelo resultado e gratidão por cada autor que publicamos este precioso dossiê.

Encerrado o dossiê, dois artigos ampliam as perspectivas neste número, com seus enfoques e suas sensibilidades. *Solange Maria do Carmo* e *Alex Cristiano dos Santos* (PUC Minas/ISTA) nos recordam o desafio de “des-escolarizar” a Catequese, partindo do caráter mistagógico e eclesial que distingue a mesma Catequese de outras expressões de aprendizado, particularmente escolarizadas. As dimensões teologal e pedagógica se cruzam neste artigo, com elementos não só teóricos, mas também práticos.

Por fim, ao mosaico plural das Igrejas da Reforma (cf. dossiê) se agrega o diálogo com o Judaísmo, na pena de *Maria Teresa de Freitas Cardoso* com seu artigo sobre os passos no diálogo católico-judaico, desde *Nostra aetate* (1965). Rememorando ainda os 50 anos do Concílio Vaticano II, a autora mostra a atualidade do tema, com este diálogo ao qual a Igreja Católica não pode se esquivar. A compreensão messiânica da Igreja, comunidade da nova aliança, traz elementos intrínsecos da fé de Israel e aponta para o Judaísmo como interlocutor peculiar. Dizem-no não apenas o Concílio, mas os documentos posteriores, das publicações da Comissão para as Relações com o Judaísmo, passando pela Pontifícia Comissão Bíblica, até Papa Francisco.

A todos nossa estima e votos de uma frutuosa leitura.

Fernando Rodríguez Garrapucho

Universidad Pontificia de Salamanca (UPSA)

Elias Wolff

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Marcial Maçaneiro

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)